

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, lowercase, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Bolivia, o país que quer existir [Bolivia, the country that wants to exist]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Galeano, Eduardo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-11 08:04:12
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163417

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da semana

*Eduardo Galeano, uruguaio, autor do clássico **As veias abertas da América Latina**, reflete sobre os recentes acontecimentos na Bolívia. O artigo, com o título Bolívia, o país que quer existir, foi publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 26-10-03.*

BOLÍVIA, O PAÍS QUE QUER EXISTIR

Eduardo Galeano

Uma imensa explosão de gás: esse foi o levante popular que sacudiu toda a Bolívia e culminou com a renúncia do presidente Gonzalo Sánchez de Lozada, que fugiu deixando atrás de si uma série de mortos. O gás seria enviado para a Califórnia, a preço ruim e em troca de pequenas regalias, por meio de terras chilenas que, em outros tempos, foram bolivianas. A saída do gás por um porto do Chile lançou sal à ferida, em um país que, há mais de um século, vem exigindo, em vão, a recuperação do caminho para o mar que perdeu em 1883, na guerra vencida pelo Chile.

Mas o caminho do gás não foi o motivo mais importante para a fúria que ardeu por todas as partes. Outra fonte essencial teve a indignação popular, à qual o governo respondeu a tiros, como é de costume, regando com mortos as ruas e as estradas. As pessoas se revoltaram porque se negam a aceitar que aconteça com o gás o que já aconteceu com a prata, o salitre, o estanho e tudo o mais. A memória dói e ensina: os recursos naturais não-renováveis vão sem dizer adeus e jamais voltam.

*

Por volta de 1870, um diplomata britânico sofreu, na Bolívia, um desagradável incidente. O ditador Mariano Melgarejo ofereceu-lhe um copo de *chicha*, a bebida nacional feita de milho fermentado. O diplomata agradeceu e disse que preferia chocolate. Melgarejo, com sua habitual delicadeza, o obrigou a beber uma enorme vasilha cheia de chocolate e depois o fez andar de burro, montado ao contrário, pelas ruas de La Paz. Quando a rainha Vitória, em Londres, soube do ocorrido, mandou trazer um mapa, riscou uma cruz a giz sobre o país e sentenciou: "A Bolívia não existe".

Várias vezes, ouvi essa história. Terá ocorrido dessa maneira? Pode ser que sim, pode ser que não. Mas essa frase, atribuída à arrogância imperial, também pode ser lida como uma involuntária síntese da atormentada história do povo boliviano. A tragédia se repete, girando como um carrossel: há cinco séculos a fabulosa riqueza da Bolívia maldiz os bolivianos, que são os pobres mais pobres da América do Sul. "A Bolívia não existe": não existe para seus filhos.

*

Além da época colonial, a prata de Potosí foi, por mais de dois séculos, o principal alimento do desenvolvimento capitalista da Europa. "Vale um Potosí", se dizia, para elogiar o que não tinha preço. Em meados do século XVI, a cidade mais povoada, mais cara e mais esbanjadora do

mundo brotou e nasceu ao pé da montanha que emanava prata. Essa montanha, o chamado Cerro Rico, tragava índios. "Os caminhos estavam de tal modo apinhados que parecia mudança do reino", escreveu um rico mineiro de Potosí: as comunidades se esvaziavam de homens, que, de todas as partes, marchavam, prisioneiros, rumo à boca que levava às escavações. Fora, temperaturas de gelo. Dentro, o inferno. De cada dez que entravam, apenas três saíam vivos. Mas os condenados à mina, que pouco duravam, geravam a fortuna dos banqueiros flamengos, genoveses e alemães, credores da coroa espanhola, e eram esses índios que tornavam possível o acúmulo de capitais que converteu a Europa no que a Europa é. O que restou na Bolívia, de tudo isso? Uma montanha oca, uma incontável quantidade de índios assassinados pelo cansaço e alguns palácios habitados por fantasmas.

*

No século XIX, quando foi derrotada na chamada Guerra do Pacífico, a Bolívia não perdeu só sua saída para o mar e ficou encurralada no coração da América do Sul. Também perdeu seu salitre. A história oficial, que é a história militar, conta que o Chile ganhou essa guerra, mas a história real comprova que o vencedor foi o empresário britânico John Thomas North. Sem disparar um tiro nem gastar um penny, North conquistou territórios que haviam sido da Bolívia e do Peru e se converteu no rei do salitre, que, na época, era o fertilizante imprescindível para alimentar as cansadas terras da Europa.

*

No século XX, a Bolívia foi o principal fornecedor de estanho no mercado internacional. embalagens de folha de flandres, que deram fama a Andy Warhol, provinham das minas que produziam estanho e viúvas. Na profundidade das escavações, o implacável pó de silício matava por asfixia. Os pulmões dos operários apodreciam para que o mundo pudesse consumir estanho barato.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Bolívia contribuiu para a causa aliada, vendendo seu mineral a um preço dez vezes menor do que o normal. Os salários dos operários se reduziram a nada, houve greves, as metralhadoras cuspiram fogo. Simón Patiño, dono do negócio e amo do país, não teve de pagar indenizações, pois a matança por metralha não é acidente de trabalho. Dom Simón pagava US\$ 50 anuais de Imposto de Renda, mas pagava muito mais ao presidente da nação e a todo o seu gabinete.

Ele fora um morto de fome que acabou tocado pela varinha mágica da deusa Fortuna. Seus netos ingressaram na nobreza européia. Casaram-se com condes, marqueses e parentes de reis. Quando a revolução de 1952 destronou Patiño e nacionalizou o estanho, restava pouco mineral. Não mais do que os restos de meio século de desafortada exploração a serviço do mercado mundial.

*

Há mais de cem anos, o historiador Gabriel René Moreno descobriu que o povo boliviano era "geneticamente incapaz". Ele havia colocado na balança o cérebro indígena e o cérebro mestiço e havia comprovado que pesavam entre cinco, sete e dez onças menos do que o cérebro da raça branca. O tempo passou, e o país, que não existe, continua enfermo de racismo. Mas o país que quer existir, onde a maioria indígena não tem vergonha de ser o que é, não cospe no espelho.

Essa Bolívia, farta de viver em função do progresso alheio, é o país de verdade. Sua história ignorada abunda em derrotas e traições, mas também em milagres como os que são capazes de fazer os desprezados quando deixam de desprezar a si mesmos e quando deixam de lutar

entre si. Fatos assombrosos, de muito brio, estão ocorrendo, sem ir mais longe, nestes tempos que correm.

*

Em 2000, um caso único no mundo: uma localidade "desprivatizou" a água. A chamada "guerra da água" ocorreu em Cochabamba. Os camponeses marcharam, saindo dos vales, e bloquearam a cidade, e também a cidade se rebelou. Respondendo com balas e gás lacrimogêneo, o governo decretou o estado de sítio. Mas a rebelião coletiva continuou, impossível de parar, até que, na investida final, a água foi arrancada das mãos da empresa Bechtel e as pessoas recuperaram a irrigação de seus corpos e de suas plantações. (A Bechtel, com sede na Califórnia, agora recebe o consolo do presidente George W. Bush, que a presenteia com contratos milionários no Iraque).

Há alguns meses, outra explosão popular, em toda a Bolívia, venceu nada menos do que o Fundo Monetário Internacional. O Fundo vendeu caro sua derrota, cobrou 30 vidas - assassinadas pelas chamadas forças da ordem-, mas o povo realizou sua façanha. O governo não teve outra coisa a fazer a não ser anular o imposto sobre os salários, que o Fundo havia mandado aplicar.

Agora, é a guerra do gás. A Bolívia conta com enormes reservas de gás natural. Sánchez de Lozada chamara de capitalização a sua privatização mal dissimulada, mas o país que quer existir acaba de demonstrar que não tem memória ruim. Outra vez a velha história da riqueza que evapora em mãos alheias? "O gás é nosso direito", proclamavam os cartazes nas manifestações. As pessoas exigiam, e continuarão exigindo, que o gás seja colocado a serviço da Bolívia, em lugar de a Bolívia submeter-se, uma vez mais, à ditadura de seu subsolo. O direito à autodeterminação, que tanto se invoca e tão pouco se respeita, começa por aí.

A desobediência popular causou a perda de um negócio rentável à corporação Pacific LNG, integrada por Repsol, British Gas e Panamerican Gas, sócia da empresa Enron, famosa por seus virtuosos costumes.

Tudo indica que a corporação ficará na vontade, em lugar de ganhar, como esperava, US\$ 10 para cada dólar investido.

Por sua vez, o fugitivo Sánchez de Lozada perdeu a Presidência. Seguramente, não perdeu o sono. Sobre sua consciência pesa o crime contra pelo menos 74 manifestantes, mas essa não foi sua primeira carnificina, e esse defensor da modernização não se preocupa com nada que não seja rentável. No fim de tudo, ele pensa e fala em inglês, mas não é o inglês de Shakespeare: é o inglês de Bush.

Deu nos jornais

Os impasses na Alca

Seminário em Brasília com a presença do embaixador americano Peter Allgeier

O embaixador americano Peter Allgeier, co-presidente do Processo Negociador da Alca, chegou a Brasília nesta segunda-feira. Allgeier participa de um seminário organizado pela Câmara dos Deputados, o Senado e o Parlamento Latino-Americano (Parlatino), 'O Papel dos Legisladores na Alca - Encontro Parlamentar sobre a Área de Livre Comércio das Américas', que será aberto por Lula. O co-presidente brasileiro do Processo Negociador da Alca, embaixador Adhemar Bahadrian, também participará do evento de dois dias no Congresso. A notícia é do jornal **O Estado de S. Paulo**, 19-10-03.